



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JANIELI BARBOSA PEREIRA

**VIDAS SECAS: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA OBRA DE
GRACILIANO RAMOS**

GUARABIRA - PB

2013

JANIELI BARBOSA PEREIRA

**VIDAS SECAS: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA OBRA DE
GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, orientado pelo professor Dr. Juarez Nogueira Lins, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

GUARABIRA - PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

P546v Pereira, Janieli Barbosa

Vidas secas: o preconceito linguístico na obra de Graciliano Ramos / Janieli Barbosa Pereira. – Guarabira: UEPB, 2013.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

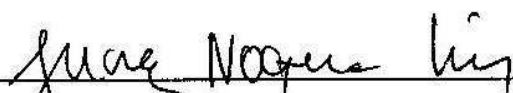
1. Preconceito Linguístico 2. Literatura Brasileira
3. Graciliano Ramos. I. Título.

22.ed. CDD B869.3

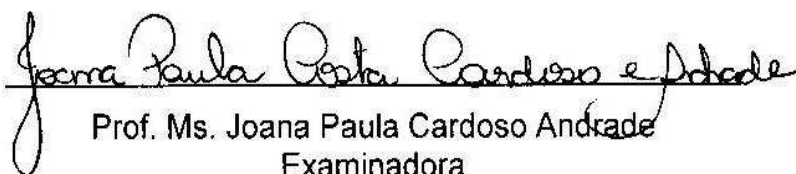
JANIELI BARBOSA PEREIRA

**VIDAS SECAS: O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NA OBRA DE
GRACILIANO RAMOS**

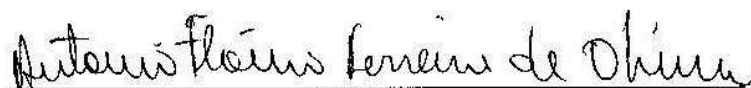
COMISSÃO EXAMINADORA



Orientador Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins
Departamento de Letras – Campus III - UEPB



Prof. Ms. Joana Paula Cardoso Andrade
Examinadora



Prof. Mestrando Antonio Flavio Ferreira de Oliveira (UEPB)
Examinador

APROVADO EM: 30 / AGOSTO / 2013

**GUARABIRA - PB
2013**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de forma direta e indireta contribuíram para o meu sucesso; em especial a Deus, pois somente Ele tem o poder de traçar os rumos da nossa caminhada.

Obrigada, meu Deus, por sua presença constante em minha vida, guiando-me e orientando-me.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 A RIQUEZA DO REGIONALISMO BRASILEIRO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	6
2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO REGIONALISMO NORDESTINO NA LITERATURA	7
3 VIDA E OBRA DE GRACILIANO RAMOS	8
4. ANÁLISE DA OBRA (VIDAS SECAS).....	11
4.1 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO RETRATADO NO PERSONAGEM FABIANO	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

VIDAS SECAS: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Autora: Janieli Barbosa Pereira

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

Examinador: Prof. Ms. Joana Paula Cardoso Andrade

Examinador: Prof. Mestrando Antonio Flavio Ferreira de Oliveira

Resumo

Graciliano Ramos em sua obra *Vidas Secas* mostra a realidade de uma família que sofre as intempéries da seca; é obrigada a migrar e a enfrentar as agruras dessa vida errante. Por trás disso tudo existe uma realidade expressa no personagem Fabiano; a dificuldade de expressar-se de maneira clara seguindo, conforme ele pressupõe uma regra padronizada de comunicação. Por causa dessa impossibilidade, Fabiano sente-se limitado e compara-se a um animal. O preconceito linguístico torna-se um ponto significativo na obra de Graciliano e o destaque que pontua a vida de Fabiano, além do sofrimento da seca o sofrimento da falta de comunicação.

Palavras chaves: Preconceito, Seca, Fabiano, Comunicação.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa como a seca e os efeitos causados por ela no ser humano são representados na literatura, pelo autor Graciliano Ramos em sua obra intitulada *Vidas Secas*. Com efeito, o leitor poderá compreender a importância da produção literária brasileira do século XX, precisamente nos decênios de 1930 a 1945, ou seja, o período da 2ª e 3ª Geração do Modernismo, denominadas de fase de construção e fase de reflexão na literatura. Dessa forma, o leitor perceberá que o romancista dessa época tem como principal temática o ciclo do regionalismo nordestino. De maneira que, os escritores narram o sofrimento dos retirantes nordestinos que lutam para sobreviver no meio hostil, causado pela seca. Ao passo que, são reduzidos à condição de vida sub-humana, de miséria, de fome, de ignorância e de opressão, na medida em que, migram em busca de melhores condições de vida. Assim, Graciliano denuncia os vários problemas naturais e

sociais existentes na região Nordeste, destacando a dificuldade de comunicação de Fabiano e sua família.

Fala para eles é algo extremamente desejável. A comunicação já deixa de ser um meio e passa a ter sentido de finalidade, pois a falta desta causa complicações, conflitos e perdas.

Assim apresentaremos e analisaremos o preconceito linguístico representado na personagem de Fabiano, tendo em vista a deficiência na comunicação, o desejo de se expressar melhor e as barreiras encontradas pelo mesmo para expressar suas emoções, pensamentos e conceitos face às limitações de seu vocabulário e desconhecimento de regras cultas da comunicação verbal.

2 A RIQUEZA DO REGIONALISMO BRASILEIRO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA

A produção literária brasileira do século XX, precisamente nas décadas de 1930 a 1945, está inserida na 2ª e 3ª Geração do Modernismo, as quais são denominadas de fase da construção e fase de reflexão na literatura. Neste período, os escritores buscam em suas obras recuperar as origens da realidade brasileira, com raízes no Romantismo e no Realismo/Naturalismo. A partir daí, a arte recebeu uma nova forma de expressão, emerge um grande número de romances. A literatura, tanto na prosa como na poesia, surge com maior concentração ao tema, ou seja, eclode um novo enfoque: o regionalismo.

Dessa forma, a linguagem literária se aproxima à fala brasileira, de forma que, incorpora neologismos e regionalismo brasileiro. Para Antônio Candido, na literatura brasileira, o regionalismo surgiu junto com a independência literária, pois foi o desejo de exprimir nosso nacionalismo que levou escritores a descobrirem o Brasil que estava encoberto pelo domínio colonial (CANDIDO, 2002).

Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho, afirmam:

(...) O regionalismo foi uma corrente que se derivou do romance realista do século XX e cuja diferenciação de que as criações estivessem fortemente ligadas à presença de uma unidade regional fornecedora de matéria-prima, das intrigas e das relações comuns das personagens. (COUTINHO & COUTINHO, 1997, p.361).

O regionalismo é a locução da literatura que dá valor a força onde surgem as especificidades locais, tanto no tocante as formas distintas do dizer quanto na

exploração das características do seu ambiente geográfico. Independentemente da escolha de uma região geográfica em particular como marco inicial para a escrita de seus livros, os autores regionalistas não escreveram textos especificamente preocupados em mostrar as peculiaridades de uma ou outra região em análise, contudo nestas obras globais realizam uma relevante avaliação psicológica do homem, e expõem de forma analítica os problemas da sociedade.

Sobre essa questão Coutinho, (1996) lança um olhar mais amplo sobre o regionalismo na literatura brasileira, ao afirmar que toda obra de arte é regional quando apresenta como pano de fundo um lugar ou quando parecer brotar desse local particular. Mas, convém que nessa situação que uma obra pudesse ser localizada numa região, contudo tratar de assunto universal de modo que essa particularidade local lhe seria apenas incidental. Em segundo plano define como o sentido do regionalismo autêntico, diz ser regional uma obra que não somente é localizada numa região como também retira a sua “substancia real” das particularidades deste lugar. A literatura passou a ser um reflexo dos dilemas sociais, os “tipos” humanos até então mascarados pelo romantismo e estereotipados pelo realismo-naturalismo, são colocados em cena, com seus andrajos, maltrapilhos, as pessoas passam a serem mostradas como verdadeiramente são sem máscaras. Dessa forma a literatura trata de temas regionais, mas com uma conotação universal, pois os dramas sociais e humanos são inerentes a todos de forma universal, mesmo que particularize as injustiças sociais de um determinado lugar (COUTINHO, 1996).

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO REGIONALISMO NORDESTINO NA LITERATURA

A prosa da 2ª Geração Modernista no decênio de 1930 tem como principal temática a região nordeste, seguida de seus vários problemas naturais e sociais como a seca, a migração, a miséria, a ignorância, a situação do homem dominado por um rude esquema de trabalho, em que grandes proprietários de terra oprimem o trabalhador do campo.

Os romances regionalistas nordestinos, também chamados de Neo-Realistas, aparecem em resposta aos conflitos sociais originados pela crise econômica brasileira, de maneira que, expressa uma linguagem crítica e seca, inclusive com vocabulário próprio de cada região. Já na prosa da 3ª Geração

Modernista, verifica-se uma continuidade da prosa regionalista, diferenciando-se na expressão do regionalismo não mais restrito no Nordeste, mas também com uma preocupação no sentido de buscar o equilíbrio, a harmonia, a objetividade e o rigor formal.

O grupo regionalista ou nordestino, organizando-se a partir das ideias de Gilberto Freyre, retomou uma tendência iniciada no Romantismo: retratar a realidade brasileira. Em quase todos os romances regionalistas dos anos 30, predomina a situação do homem dominado por um rude esquema de trabalho, desapropriado de dignidade sendo submetido a condições de trabalho e de vida sub-humanos, sob o mando opressor dos grandes proprietários da terra, os grandes latifundiários que oprimem lavradores.

Foi grande a preocupação dos romancistas com a reprodução da linguagem regional típica. Assim, aproveitou-se o vocabulário próprio de cada região, dando um colorido diferente a essa literatura de caráter social. O ciclo regionalista do Nordeste implantou-se em 1928, com a publicação de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, romance situado como o título indica, em local onde se juntam bagaços de cana. Prosseguiu com a publicação de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, em 1930. A miséria da fome e o flagelo da seca entravam em cena na literatura Neo-Realista dos anos de 1930.

3 VIDA E OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Uma obra de construção e de desconstrução da memória, elaborada durante o período Neo-Realista do regionalismo brasileiro. É essa uma descrição sobre Graciliano Ramos e sua criação segundo o Dossiê Cult Literatura Brasileira - 2004.

Graciliano Ramos nasceu no dia 27 de outubro de 1892 em Quebrangulo (AL), cidade onde passou a infância e teve seus primeiros anos de formação escolar, até se transferir para Maceió, a capital do Estado, a fim de prosseguir os estudos secundários. Em 1914, decide partir para o Rio de Janeiro, onde trabalha como revisor na imprensa carioca. Esse seria o seu primeiro flerte com o jornalismo, pouco mais de um ano depois, retorna ao Nordeste.

Em 1927, é eleito prefeito da cidade de Palmeira dos Índios, e após dois anos no cargo, acontece um dos mais comentados casos da descoberta de um

relatório para o governador do Estado sobre as suas atividades administrativas, fazem em um estilo que revela ser um autor.

Sua primeira obra publicada, *Caetés* de 1933, dá aos leitores o tom do que seria sua obra; O pessimismo que permeia tudo, tomando as relações pessoais e os estados emocionais de seus personagens, nessa época trava conhecimento com José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado.

O projeto de Graciliano Ramos daria um decisivo passo com o lançamento de *São Bernardo*, no ano seguinte. Em 1936, o autor entra em uma espécie de pesadelo; é acusado de ter participado de um levante comunista. Preso, é enviado ao Rio de Janeiro, onde permanece em detenção. Mesmo não havendo provas contra ele, passou por diversos presídios e por humilhações de toda a sorte, até ser solto.

Publica seu mais célebre trabalho de ficção em 1938, um ano após ser libertado: *Vidas Secas*, sobre a errância de uma família nordestina vitimada pela miséria, uma obra na qual Graciliano expande na forma sua exigência política.

O romance "*Vidas Secas*" consiste em uma obra denunciada e angustiada. O autor apóia-se numa realidade conhecida do Nordeste e descreve, de forma clara objetiva, a seca no sertão nordestino que causa a miséria do lavrador.

Os personagens de Graciliano Ramos têm um mundo objetivo, visto através do ponto de vista da alma humana: mundo fragmentado, distorcido, dissolvido em emoções e sensações. Suas obras fixam duas forças: a solidão interior do homem e a suas lutas pela afirmação da própria individualidade.

Desse modo, Coelho *apud* Brayner (1978), afirma:

[...] *Vidas Secas* apresenta-se com aquele caráter que marca inapelavelmente todas as personagens de Graciliano: a solidão interior, a irremovível impossibilidade de comunhão com o próximo, pois a única via de acesso: o amor, não foi tentado pelo autor. Entretanto, como já dissemos, aqui a ação corrosiva e destruidora da solidão não encontra campo propício pra fazer medrar os impulsos egoísticos da suplantação pessoal, pois há um inimigo comum a enfrentar, passo a passo: a natureza flageladora, armada e temida como um deus generoso e violento (BRAYNER, 1978, p.69|70).

Dessa forma, Graciliano preocupado com as questões sociais vividas naquela região, colocou o homem e suas relações defeituosas em primeiro plano de ação. Em suas obras o autor mostra através de seus personagens a face angulosa

da opressão e a dor, como impacto de uma sociedade voltada para a exploração e desprezo dos valores humanos. Os personagens estão em estado de coisificação, o solo tórrido e ressequido do sertão, não permite que nada germine. Como o amor pode nascer em solo tão infértil, onde o desespero tira todas as oportunidades de uma possível humanização por parte dos personagens?

O romancista Graciliano Ramos ao construir suas narrativas, não se prende a um fácil processo descritivo, muito frequente na geração de 1930, ele consegue fazer um corte profundo e seletivo na imaginação, eliminando duramente o que não é essencial. Sua obra *Vidas Secas* é um romance duro e seco como a terra do sertão, ali retratada.

Assim, Carpeaux *apud* Brayner, (1973) argumenta que:

[...] a mestria singular do romancista Graciliano Ramos reside no seu estilo. Para salvar esta frase da apreciação “lugar comum” é preciso definir o que é estilo: escolha de palavras, escolha de construções, escolha de ritmos dos fatos, escolha dos próprios fatos para conseguir uma composição perfeita, perfeitamente pessoal: pessoal, no caso, “a maneira de Graciliano Ramos”. Estilo é escolha entre o que deve parecer e o que deve sobreviver. Vamos ver o que Graciliano Ramos escolhe. É muito meticuloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial: as decisões pitorescas, o lugar-comum das frases feitas, a eloquência tendenciosa. Seria capaz de eliminar ainda paginas inteiras, eliminar os seus romances inteiros, eliminar o próprio mundo. Para guardar apenas o que é essencial (BRAYNER, 1978, p.25).

Por isso, a realidade narrada na obra “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos é exposta de forma filtrada, à medida que o autor narra apenas o essencial, esse estilo traz a essência desejada pela ficção universal da arte contemporânea. Neste romance, Graciliano consegue uma total adesão à realidade, através do seu estilo seco e contido. A concisão, precisão e sugestão de seus vocábulos chegam a sua forma mais pura, revelando a “magreza” de sua prosa.

Em 1945, com a queda da ditadura de Getúlio Vargas e a volta do país à normalidade democrática, Graciliano filia-se ao Partido Comunista Brasileiro, o qual integra até 1947, quando o partido é novamente considerado ilegal. Em 1952, viaja para os países socialistas do Leste Europeu. Falece no Rio de Janeiro em 20 de março de 1953 e no mesmo ano é lançado “*Memórias do Cárcere*”, sobre o tempo passado na prisão. É o fim de um mestre.

Segundo Nicola (2012), Graciliano Ramos é hoje considerado por grande parte da crítica, nosso melhor romancista moderno. Além disso, é tido como o autor que levou ao limite o clima de tensão presente nas relações homem/meio natural, homem/meio social, tensão essa geradora de um conflito intenso, capaz de moldar personalidades e de transfigurar o que os homens tem de bom.

De acordo com o exposto, José Lins do Rego *apud* Nicola (2012), comenta que:

“[...] Graciliano Ramos é um retratista sem fundo. Tudo nele se concentra no que é o homem, no que é a tragédia de ser homem. Os seus romances, por esta maneira, ganharam em profundidade, em análise sem piedade, em síntese desesperada”.

Nos romances de Graciliano, a lei maior é a da selva. Portanto, a luta pela sobrevivência parece ser o grande ponto de contato entre os personagens, que só tem uma coisa a defender, a vida.

4. ANÁLISE DA OBRA (VIDAS SECAS)

O romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos é uma narrativa em 3ª pessoa, formada por treze capítulos denominados: Mudança, Fabiano, Cadeia, Sinhá Vitoria, O menino mais novo, O menino mais velho, Inverno, Festa, Baleia, Contas, O soldado amarelo, O mundo coberto de cenizas e Fuga.

A obra é iniciada com o capítulo intitulado “Mudança”, que mostra o término de uma seca e é finalizada com o capítulo denominado “Fuga”, que enfoca o começo de outro tormento. A ação desse romance situa-se entre duas secas.

A obra é o resultado da junção de vários episódios isolados, destinados a divulgação na imprensa. Graciliano utilizou-se de uma técnica totalmente diversa, por não terem uma linearidade temporal, podem ser lidos em qualquer ordem porém, o primeiro, “Mudança”, e o último, “Fuga”, devem ser lidos nessa seqüência, pois apresentam uma ligação que fecha um ciclo. Sobre tal afirmação Coelho *apud* Bayner (1978) confirma:

(...) Escrito em 1937, parceladamente em capítulos independentes destinados mesmo a publicação na imprensa, este livro retrata verdadeiro “quadros” da realidade do caboclo nordestino, em face do

meio que o rodeia. O nascimento do romance (artigos destinados a imprensa) explica sua estrutura peculiar: cada capítulo vivendo como uma unidade completa independente. Técnica essa bem diferente das usadas nos romances anteriores, em que vemos a simultaneidade das ações (BRAYNER, 1978, p.66).

A obra narra o cenário do homem nordestino castigado pela seca, fazendo-o deslocar-se a procura de regiões menos hostis, numa incansável luta, em busca de melhores condições de vida. Pode-se dizer que o romance é marcado pela ideia de fuga constante, o caminhar sem fim, como fica evidente no seguinte trecho da narrativa: “A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, a toa como um judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca”. (RAMOS, 1994, p. 19)

O autor revela a figura do homem nordestino, que sobrevive ao flagelo da seca, sob continua ameaça de braseiro do sol que, em ciclos eternos, estende sobre ela a devastação e a morte, mostrando a condição de vida sub-humana do retirante nordestino.

Graciliano, em *Vidas Secas*, apresenta um drama inovador, a luta do homem contra a natureza e não o homem contra o homem, descrevendo com perspicácia a terra do sertão: uma paisagem dura, agressiva, desafiadora que por todo lado só sugere destruição e morte, como se verifica na narrativa:

[...] A caatinga estendia-se de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram assadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos. [...] Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. [...] Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido. Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. Trepou-se no mourão do canto, examinou a caatinga, onde avultavam as assadas e o negrume dos urubus (RAMOS, 1994, p. 09/10/12/13).

A vida e o trajeto dos personagens são marcados pela morte, ou pela falta; falta de vida, falta de esperança, falta de chuva, falta de dignidade.

Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho (2001) afirmam:

[...] A tensão do romance é controlado pelo ritmo de expectativa na tácita ou direta referencia a volta da seca. Assim, utilizando-se de pequenas narrativas isoladas, Graciliano Ramos delinea e traz a tona os traços mais importantes de sua visão do problema rural, do

complexo homem-terra-sociedade, escolhendo como campo de amostragem a unidade nuclear familiar e a situação típica: a seca (COUTINHO & COUTINHO, 2001, p.406).

Assim, Graciliano Ramos em “*Vidas Secas*” retrata o homem nordestino através do personagem Fabiano, que nasce condenado às imposições duras da terra agressiva e desafiadora, causadas pela seca. O autor coloca homem, mulher, criança, animal e plantas no mesmo plano de igualdade devido à condição sub-humana de sua existência, no massacre da seca que não permite a vida vegetal, mata os animais e expulsa os homens, desumanizando-os e obrigando-os a aproximarem-se dos animais para todos juntos tentarem a sobrevivência comum. Então, entre Fabiano e a seca, trava-se uma luta de caráter especial, porque o vaqueiro “Fabiano” tem nela um inimigo que não pode combater diretamente, mas por meios indiretos: fugindo.

Então, como exposto por Ramos, (1994):

Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente (RAMOS, 1994, p. 13).

Para este combater a seca é preciso encontrar ajuda, “solidariedade” na cidade. As ilusões como um futuro melhor para os filhos, uma cama de varas, um bebedouro imaginário, isso são necessários para melhor lutar. Esta esperança no futuro não passa de uma forma de ganhar novas energias para vencer o presente, funcionando como narcóticos para encarar as dificuldades da seca. Assim, a estrutura de *Vidas Secas* torna-se similar a incapacidade de Fabiano de traçar seu próprio destino, pois além de fatores naturais como o sol, a fome e a sede, existe um fator muito maior e desestimulante, o social: a discriminação e o preconceito.

4.1 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO RETRATADO NO PERSONAGEM FABIANO

O português culto é valorizado socialmente. O prestígio associado ao português padrão é um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada

ao longo de cinco séculos, padronizado nas gramáticas e dicionários e cultivado na literatura e nos mais diversos domínios da sociedade. (BORTONI-RICARDO,1991).

O cidadão erudito aprecia a língua culta, que por sinal é o meio natural de comunicação, mas, da mesma forma milhões de analfabeto também o fazem, assim como Fabiano, um retirante analfabeto tem um sonho: falar bem, e via que essa condição lhe daria a possibilidade de melhorar de vida.

Lembrou-se de seu Tomás da boladeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da boladeira. Porquê? Só se era porque lia demais [...]. Em hora de maluqueira Fabiano deseja imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, convencendo-se de que melhorava. Tolve via-se. Perfeitamente, que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo(...).(RAMOS, 1994, p. 21/22)
 [...] Fabiano sentou-se na calçada resolvido a conversar. O vocabulário dele era pequeno, mas em hora de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da boladeira. (RAMOS, 1994, p. 26/27)
 [...] Sinhá Terta falava quase tão bem como as pessoas da cidade. Se ele falasse como sinhá Terta, procuraria emprego noutra fazenda, haveria de arranjar-se. (RAMOS, 1994, p.97).

Fabiano era rude, bruto, admirava as palavras, o poder delas, ou seja, não sabia usá-las, e por isso admirava Seu Tomás da Boladeira por saber falar bonito, explicar e se defender por meio delas. Isso mostra que, mesmo sendo ele um homem rude por natureza e por falta de oportunidade, reconhecia a importância de conhecer as letras e empregá-las de maneira correta e oportuna, portanto não era um bruto por completo, tinha raciocínio e discernimento (o que lhe fazia ser diferente dos animais), se tivesse tido a oportunidade que tivera o amigo também teria aprendido a falar e a se defender. Há nesses trechos uma explícita demonstração de sentimento positivo em relação à boa linguagem, a língua daqueles que tem estudo, que sabe colocar seus pensamentos, suas opiniões, a propriedade associada ao poder aquisitivo perante a sociedade. Fabiano sabia que se soubesse se expressar melhor não seria vítima de todo aquele preconceito que vivia na cidade.

Fabiano mostra sua incapacidade de contestação, de inconformismo ao se deparar com a injustiça cometida contra ele pelo “soldado amarelo”, onde além de levar seu dinheiro no jogo, faz questão de humilhá-lo perante as pessoas e o aprisioná-lo sem motivo, levando o único bem que lhe restaria, a dignidade. “Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar

direito? Que mal fazia a brutalidade dele? (...) Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares (RAMOS, 1996, p.36).

Mas, Fabiano volta a se encontrar, dessa vez é Ele que está no controle da situação, a revolta de Fabiano contra o soldado, mostra um pouco do espírito da população da época em especial a nordestina sempre “conformada” com os problemas trazidos pela seca e reforçado pelos grandes proprietários de terra (latifundiários), os personagens já não aceitam passivamente as injustiças sofridas, porém, não encontra força para retribuir toda a humilhação e opressão. Mesmo tendo oportunidade de revidar lembrando de toda a humilhação que passou, mas, acima de tudo está o caráter e a dignidade. Vê-se que o sertanejo não é completamente ignorante. Apenas não tem conhecimento o bastante para exigir o que lhe é de direito, por isso passa a ser explorado e engole a seco tudo que lhe enfiam goela abaixo.

Conforme Bortoni-Ricardo (1991), o comportamento linguístico é um indicador claro de estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua, podendo-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

Portanto, podemos identificar que a sociedade interfere nesse processo, ao atribuir valores sociais diferentes aos diversos modos de falar a língua, e que esses valores, mesmo se baseando em preconceitos e falsas interpretações do certo e do errado tem consequências econômicas, políticas e sociais muito sérias para as pessoas.

[...] tem de estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que estas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada. Alguns conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas razões dependem das circunstâncias que cercam a interação. (BORTONI-RICARDO, 1991).

Dessa forma, pode ser apontado nesta passagem um problema que atinge a todas as camadas sociais: o preconceito. Nesse caso podemos apontar o preconceito linguístico, tido por muitos como sinal de ignorância ou inferioridade. Falso julgamento, nenhum homem é ignorante por completo dentro de seu meio,

pode até ser em algumas situações, mas não o é em geral. Na verdade a maior ignorância parte exatamente de quem se acha superior a outro por pertencer a uma camada social considerada por ele mais elevada; o que não passa de vaidades e preconceitos, e acaba por tornar-se inferior a quem se acha superior. Pois esse falso julgamento anula a possibilidade de um bem-estar social entre as diversas camadas que compõem a sociedade, agravando ainda mais a já enfraquecida unidade social, na qual todos são considerados iguais perante a Lei, com os mesmos direitos e deveres.

Em contraponto, na cosmovisão linguística BAGNO (2007):

[...] os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma. Infelizmente, ainda existem muitas mulheres que se consideram “inferiores” aos homens; existem negros que acreditam que seu lugar é mesmo de subserviência em relação aos brancos; existem homossexuais convictos de que sofrem de uma “doença” que pode, inclusive, ser curada (BAGNO, 2007. p. 70)

De acordo com o autor supracitado ninguém comete erros ao falar sua própria língua de origem, do mesmo modo que ninguém comete erros ao andar ou mesmo ao respirar. Só se erra no que se é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, adquirido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao realizar quaisquer atividades mecânica, ou mesmo aprendendo outra língua. A língua mãe não é um saber como esses, ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno. Ou seja, qualquer criança entre os 3 e 4 anos de idade ou mesmo com idade inferior poderá dominar de forma plena a gramática de sua língua.

Ainda em consonância com a fonte citada anteriormente afirma-se que qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi

adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas. Assim, podemos até dizer que existem “erros de português”, só que nenhum falante nativo da língua os comete, (BAGNO, 2007. p.114)

Assim, o soldado amarelo é símbolo da incomunicabilidade entre o sertanejo e o Estado. É um dos elementos que acarreta o trágico da seca. Essa incomunicabilidade se faz necessária para que o poder continue mascarando a realidade, como uma espécie de ditadura, sem dar chances para que o cidadão cobre melhorias, para que reaja e grite por seus direitos. Pois quanto maior a distância entre o sertanejo e o Estado, melhor será para os homens que governam, que controlam as terras e ditam as regras. Percebe-se que a tragédia não é apenas a abstenção das chuvas e a inclemência do sol. Ela é a síntese de todas as adversidades, de que participam o latifúndio, o soldado amarelo, o primarismo agrário e a ignorância. A adversidade que Fabiano tem pela frente não o faz desistir de lutar, no entanto, também não o faz evoluir, uma vez que sua ignorância não permite essa evolução, pelo contrário, ele se compara sempre com um bicho qualquer. Quanto mais pobre e sem escolaridade for o indivíduo, mais aumentam suas chances de sofrer represálias sem razão. Não terá vez nem voz, não terá defesa. É presa fácil e fraca.

Bagno (2007) Afirma:

Que o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto. O domínio da norma culta de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e a de seus concidadãos. O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, a uma pessoa que viva numa zona rural onde um punhado de senhores feudais controlam extensões gigantescas de terra fértil, enquanto milhões de famílias de lavradores sem-terra não têm o que comer. Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela “suba na vida” é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana. (BAGNO, 2007. p.65)

E ainda segundo Bosi, (1994):

O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais como primeiro motor de todos os comportamentos (BOSI, 1994, p. 402).

Então, percebemos que a comunicação é função da linguagem, o desempenho do falante se dá na prática viva da língua, o diálogo, onde existe a oportunidade de aprender os usos e formas da fala. Para tanto, a competência, enquanto fala, implica promover atividades que criem situações de fala, escrita e compreensão da língua. Numa cultura marcada pela oralidade, como a brasileira, é fundamental que a questão da comunicação seja realizada, porém nem todos possuem tal competência, como é o caso de Fabiano e sua família, que não conseguem desenvolver a comunicação de maneira espontânea e natural e sim através de muito esforço.

Para Bagno (2007), usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade. Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar à situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante. Essa nossa tentativa de adequação se baseia naquilo que consideramos ser o grau de aceitabilidade do que estamos dizendo por parte de nosso interlocutor ou interlocutores.

Existe um mito ingênuo de que a linguagem humana tem a finalidade de “comunicar”, de “transmitir ideias” — mito que as modernas correntes da linguística vêm tratando de demolir, provando que a linguagem é muitas vezes um poderoso instrumento de ocultação da verdade, de manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento. Ao lado dele, também existe o mito de que a escrita tem o objetivo de “difundir as ideias”. No entanto, uma simples investigação histórica mostra que, em muitos casos, a escrita funcionou, e ainda

funciona, com a finalidade oposta: ocultar o saber, reservá-lo a uns poucos para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso. (BAGNO, 2007. p.118)

Podemos perceber na obra de Ramos (1994), *Vidas Secas*, que essa comunicação não se dá de forma tão natural entre a família de Fabiano:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a idéia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e a cachorra. Baleia permanecia indiferente, mas o irmão se admiraria invejoso. (RAMOS, 1994, p.59)

Era como se ainda estivesse iniciando no mundo da linguagem; do mesmo modo fazia o menino mais velho que imitava o berro dos bezerros, o barulho dos ventos, o som dos galhos de árvores que rangiam, roçando-se.

Graciliano explora o lado psicológico dos personagens de *Vidas secas*, que tenta entrar no mundo e fazer parte dele, compreendê-lo e por ele ser compreendido; e os personagens sabem que a comunicação é um fator primordial para que eles possam ingressar num mundo de linguagens para que possam ser aceitos. Fabiano imitava Seu Tomás da Bolandeira, o menino mais velho imitava a própria natureza. O que nivela o sertanejo ao animal, ao bruto; o sertanejo é o próprio sertão. Às vezes se tem a impressão que o autor reage com sentimento de indiferença e desprezo em face de toda a humanidade, mostrando a brutalidade do homem, jogando à tona todas as suas fraquezas, que ele não é diferente de outros animais; e se for que seja para pior, talvez. Mostra a impotência do ser humano perante a vida, fazendo-nos refletir a respeito dela. Tem a vida algum sentido? Por que não temos controle sobre ela? Vale a pena viver essa vida de cão (pior do que a de Baleia), humilhando-se em troca de uma migalha de pão, de um teto para estirar o corpo por uma noite? Graciliano Ramos coloca o indivíduo em seu limite psicológico completo. A vida, em toda a sua dureza, leva o indivíduo a esse estado.

A marginalização linguística captada na imagem de Fabiano é preponderante na finalização nesse romance, constando de fato as referências realizadas diretamente por Ramos, (1994):

Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. [...]

Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, 1994, p. 20).

O ser humano é dotados de linguagem verbal: conjunto de sinais (palavras) e leis combinatórias, que constituem a linguagem oral ou escrita de uma coletividade a qual denominamos língua. A língua é um patrimônio das pessoas que formam a sociedade, pois pertence a todo aquele que a usa como meio para enunciar seus pensamentos, interagir com o outro, analisar os fatos que o envolvem, enfim, que a utiliza como meio de comunicação.

A língua, por sua vez, se caracteriza através da fala que é um ato individual, emissão de sons combinados de tal maneira que transmitem significações à outra pessoa. A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização.

A capacidade de falar é própria do homem. [...] O homem, porém, é guiado pela razão que cada indivíduo particular assume formas diferentes de discernimento e de juízo, e necessita de uma faculdade que lhe permita manifestar, mediante um sinal sensível, um conteúdo intelectual. Daí se percebe que na opinião de Dante a faculdade da linguagem define-se como disposição de associar significados racionais com significados percebíveis pelo sentido. (ECO, 2001)

Apesar de ser um sistema abstrato, cujos elementos foram constituídos arbitrariamente, a língua tem um caráter ideológico: ela é essencialmente transmissora de ideias, mediadora e portadora de saberes. Há sempre um sentido, uma ideia arraigada em seus signos, capaz de abrigar linguajares variados e cumprir sua função primordial que é a comunicação, e por ser fundamentalmente instrumento de comunicação, caracteriza-se como fato social. Ela é matéria concreta para atos de interação. Aprimorar a competência linguística concorre, portanto, para aumentar a possibilidade de interagir em vários contextos e situações.

Dessa forma, por considerar que a língua oral internalizada é absorvida primeiramente no ambiente familiar, depois no convívio com a comunidade e finalmente chegando a escola, o falante se apropria da variação culta da língua e

forma seu próprio vocabulário. Respeitadas as normas variantes, o falante constrói, aos poucos, sua competência, tornando-se produtivo do ponto de vista linguístico.

Lembrando bem que a função primordial da língua é a comunicação e a exposição de ideias, fatos, conceitos, etc. não atendo-se a princípios rigorosamente formais, desta feita, a língua seria apenas dominada pelas elites escolarizadas e não pelo povo simples sem formação acadêmica e muitos menos por aqueles que nem ao menos possui alfabetização. O simples, o rude, o analfabeto tem seu espaço garantido na expressão de seus conceitos, fatos e ideias sem perda de significado mesmo tendo um “idioma” próprio de sua esfera social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso desmistificar a fala como o lugar do “erro”, do caos linguístico. É o sentido, a intenção comunicativa que fundamenta o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. É a intenção que norteia este caminho, respeitando os diversos dialetos e falares, sem preconceitos, sem discriminações.

A sociedade deve perceber como a fala é variada, que há diferentes níveis de fala e escrita, diferentes graus de formalismo, isto é, diferentes níveis de uso da língua, e que a noção de dialeto padrão uniforme é teórica, porque isso não ocorre na prática.

Assim, este trabalho é resultado das muitas leituras e das várias interpretações de mundo, supor que ele tenha atingido o ápice dos estudos é por demais pretensiosos, mas queremos crer que um primeiro passo foi dado, e que estamos no caminho da tão sonhada competência comunicativa. É preciso ajustar os sentimentos e os pensamentos e continuar, “uma longa viagem começa com um único passo” (LAO-TSE), por tudo isso não sabemos se estamos concluindo ou propondo um novo recomeço.

É certo, como afirma Marcushi (2001), que a língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente mais humanos. A falta dessa linguagem acarreta, por influencia social, a marginalização intelectual ou fisionômica do ser humano. Isto é, o cidadão se retrai, recua sem a mínima consciência crítico pensante. Por isso que Fabiano se metera em complicadas situações de que, sem dúvidas, não logrou êxito para ele.

Portanto, a harmonia comunicativa é necessária para que se viva bem num determinado grupo social, haja vista, ser o idioma ou a língua, um instrumento vivo e sistematicamente moldável.

ABSTRACT

Graciliano Ramos in his work *Vidas Secas* shows the reality of a family suffering from the dry weather it required to migrate and face the hardships of this wandering life. Behind it all is a reality expresses the character Fabiano, the difficulty of expressing themselves clearly followed, as it presupposes a rule standardized communication. Because of this impossibility Fabiano feels limited and is compared to an animal. Prejudice language becomes a significant point in the work of Graciliano and highlighted that punctuates the life of Fabiano, beyond suffering drought suffering from lack of communication.

Keywords: Prejudice, Drought, Fabiano, Communication.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 18 ed. São Paulo: edições Loyola, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAYNER, Sônia. (Seleção de textos.) *Graciliano Ramos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, (Coleção Fortuna Crítica 2).
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegamos na escola, e agora?* *Humanidades*, 7 (2), 1991:194-6.
- CANDIDO, Antônio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanistas, 2002.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo F. "O regionalismo na prosa de ficção". In: (coord.) *Introdução à literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: São José, 1996.
- _____. & COUTINHO Eduarda Faria de *A literatura no Brasil/Afrânio Coutinho; codireção Eduardo de Faria Coutinho*- 4 ed. Ver e atual. São Paulo: Global, 1997.
- CULT- Revista Brasileira de Literatura. João Cabral a lição de poesia. São Paulo: Lemos Editorial & Gráficos LTDA, 1999.
- DOSSIÊ CULT – Literatura brasileira. *Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa*. São Paulo: Bregantini, 2004.
- ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARCUSHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NICOLA, José de. *Literatura brasileira das origens aos nossos dias*. 16 ed. São Paulo: Scipione, s.d.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 59 ed. São Paulo: Record, 1989.